

UMA VISÃO ALTERNATIVA AO MONISMO DE TRIPLO ASPECTO PARA OS CONCEITOS DE SENTIMENTO E CONSCIÊNCIA

Ricardo Ribeiro Gudwin¹

1. Introdução

Em seu artigo “O Conceito de Sentimento no Monismo de Triplo Aspecto”, publicado nesta edição especial da *Kínesis*, o Prof. Alfredo Pereira Jr. nos apresenta sua visão de como o sentimento seria o aspecto fundamental na determinação da consciência. Para a construção de seu argumento, o Prof. Pereira Jr. se serve de evidências da neurociência que sugerem que as células gliais do cérebro (principalmente os astrócitos), formariam uma rede paralela à rede formado pelos neurônios, por onde fluiriam ondas de cálcio, que o Prof. Pereira Jr. relaciona diretamente à noção de sentimento. Essas ondas de cálcio (instanciando os sentimentos), seriam responsáveis por apontar os neurônios, na rede neuronal do cérebro, que carregariam informação cognitiva, e que, em sendo apontados, trariam essa informação cognitiva à consciência. Dessa maneira, os sentimentos (na forma das ondas de cálcio fluindo pelas células gliais) fariam o papel de direcionadores do foco de atenção sobre o universo de informações cognitivas fluindo nos neurônios cerebrais, selecionando parte dessa informação cognitiva que seria então promovida à consciência.

Utilizando essa ideia como base, o Prof. Pereira Jr. desenvolve uma posição filosófica que denomina *Monismo de Triplo Aspecto* (MTA daqui em diante), pela qual defende que a realidade se constituiria de três aspectos independentes e mutuamente irreduzíveis: matéria/energia, forma/informação e sentimento/consciência.

Na sequência deste trabalho, faremos inicialmente uma análise crítica das ideias do Prof. Pereira Jr., tentando desvendar as origens da ideia do MTA, a partir (i) das ideias de monismo de duplo aspecto, (ii) das evidências sobre o papel das células gliais no cérebro, e (iii) da teoria de consciência de Bernard Baars. Isto para então propor uma visão alternativa à apresentada pelo Prof. Pereira Jr., utilizando como base a Teoria da Significância de Charles Morris, e proceder a uma comparação entre o MTA e nossa abordagem alternativa, finalizando com nossas conclusões.

¹ Professor Associado da Faculdade de Engenharia Elétrica e Computação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. E-mail: gudwin@dca.fee.unicamp.br

2. Do monismo de duplo aspecto ao monismo de triplo aspecto

Na Ciência Cognitiva, o assim chamado “problema corpo-mente” gerou posições contrárias na História da Filosofia da Mente: o dualismo, propondo que corpo e mente seriam duas partes distintas da realidade; e o monismo, propondo que corpo e mente seriam de fato uma única realidade. Diferentes posições monistas poderiam ser derivadas daí. A posição mais popular é a posição fisicalista, que entende que toda a realidade é física, e que a mente emergiria a partir de interações específicas entre elementos da realidade física. Dessa forma, a consciência (como parte da mente) seria somente um epifenômeno de um processo físico. Entretanto, essa não é a única visão monista. A posição idealista (que também é monista) sugere o contrário: que a realidade é somente ideia, ou seja, que a mente é a única realidade e que mundo físico seria um epifenômeno da mente. Entre essas duas visões surgiram diversas propostas de monismos de duplo aspecto, onde o mental e o físico seriam dois aspectos distintos de uma mesma e única realidade.

Observe-se que a posição monista de duplo aspecto, apesar de se dizer monista, suscita uma série de possíveis críticas. Não seria o monismo de duplo aspecto uma espécie de dualismo disfarçado? Afinal de contas, se o *continuum* corpo-mente é maior do que somente o corpo, então haveria algo mais além do físico. O que seria esse algo a mais, que faz com que o corpo-mente seja maior do que simplesmente uma realidade puramente física? Qual seria a natureza desse algo-a-mais? Infelizmente, os proponentes das diversas versões de monismo de duplo aspecto não nos dão uma resposta definitiva sobre essas questões. Apesar disso, a ideia de um monismo de duplo aspecto se mantém como uma hipótese filosófica a ser considerada, apesar das dificuldades que apresenta para uma comprovação científica.

Uma das propostas de monismo de duplo aspecto é a de Panksepp (2005), uma variação do monismo de duplo aspecto de Espinosa, que exorta a importância dos sentimentos na determinação da consciência, como no MTA. Talvez, venham daí dois dos aspectos apontados no MTA: o aspecto matéria/energia e o aspecto sentimento/consciência. E de onde veio o terceiro aspecto? Para entendermos melhor esse terceiro aspecto, temos que nos reportar à Teoria de Consciência de Bernard Baars (1988).

A teoria de consciência de Baars é uma teoria completamente fisicalista da mente, que explica a consciência como sendo a emergência de um processo serial

coordenado a partir da interação de múltiplos agentes interagindo em paralelo, segundo um processo coordenativo que resulta no compartilhamento global de um grupo de informações selecionadas competitivamente, como em um processo evolutivo. A melhor maneira de compreender a teoria de Baars é empregando a metáfora da mídia de massa (por exemplo, a Internet), na geração da consciência da nação. Imaginemos a nação, como um grupo de pessoas que vivem e interagem em uma determinada região. Essas pessoas interagem entre si, de uma maneira totalmente localizada e em paralelo. Coisas acontecem o tempo todo ao longo do país, mas sem a mídia de massa, só teríamos a informação que nos é passada diretamente pelas outras pessoas com quem interagimos. Entretanto, com o surgimento da mídia de massa, a informação pode ser propagada em “*broadcast*”, ou seja, em massa para toda a nação simultaneamente. Mas qual a informação que é propagada em *broadcast*? Aquela que por um processo competitivo se mostrou mais relevante naquele momento, ou mais importante. Essa informação é portanto propagada na mídia de massa e toda a nação fica consciente de que isso ou aquilo está acontecendo na nação. Da mesma maneira, Baars explica que isso acontece no cérebro. Diferentes neurônios do cérebro se comunicam localizadamente com outros neurônios, processando informação. Essa informação é dita inconsciente. Entretanto, segundo Baars, um processo competitivo se instaura que levará à seleção da informação mais importante ou mais relevante dentre esse universo de processos inconscientes, e os processos selecionados serão em seguida disponibilizados em *broadcast* para todos os outros neurônios do cérebro, gerando a consciência. Para Baars, portanto, a consciência é o *stream* de informações que é propagado a cada instante em *broadcast* para todo o resto do cérebro.

A teoria de Baars foi recebida com certo cuidado pela comunidade de estudos de consciência. Dentre os aspectos positivos da teoria, estavam que a mesma possuía um nível de descrição que permitia a síntese de processos artificiais em dispositivos físicos, até mesmo na forma de simulações computacionais. Dentre os aspectos negativos estavam a dificuldade em abarcar certos aspectos do fenômeno da consciência, que não eram facilmente explicáveis. Dentre estes, a questão da consciência fenomenal (ou “qualia”), e a questão da formação do “self”, ou seja, a unidade subjetiva a que costumamos atribuir uma identidade e que para alguns seria o cerne do fenômeno da consciência. Estão presentes ainda questões implementacionais: como seria feito esse “*broadcast*” no cérebro, e como seria o mecanismo de geração de atenção responsável por selecionar quais as informações que sofreriam o *broadcast*?

É aí que entra a evidência neurocientífica das redes de células gliais e sua influência na rede de neurônios do cérebro. Para o Prof. Pereira Jr., estava claro que as ondas de cálcio, até pelas suas características temporais, fariam o papel de selecionadoras da atenção sobre quais as informações contidas nos neurônios seriam propagadas via *broadcast* para o resto do cérebro. O passo seguinte seria associar essas ondas de cálcio à formação do sentimento, na mecânica cerebral, segundo a proposta de Panksepp. A partir disso, veio o surgimento do terceiro aspecto no MTA. A informação processada pelos neurônios seria a informação cognitiva. O sentimento seria instanciado pelas ondas de cálcio, cumprindo seu papel de indicar quais as informações cognitivas que deveriam sofrer o *broadcast*. Para isso, era necessário que o monismo de duplo aspecto fosse estendido de um aspecto a mais, e aí então o monismo de duplo aspecto dá origem ao monismo de triplo aspecto, como apregoado pelo Prof. Pereira Jr.

Entretanto, algumas questões ainda resultam não respondidas. Se a teoria de Baars, que é completamente fisicalista, poderia dar conta de explicar a consciência, por que propor uma teoria não fisicalista como o MTA, com a conseqüente responsabilidade de lidar com os aspectos não físicos da realidade? Talvez para dar espaço para uma explicação da formação do “self”, que ainda não está claro na teoria de Baars? Não seria mais fácil simplesmente apontar as ondas de cálcio como o mecanismo de foco de atenção e pronto? E, em segundo lugar, por quê associar as ondas de cálcio ao “sentimento”? E, por quê esse sentimento não poderia ser considerado como “informação”? Somente por não estar codificado nos neurônios, e sim nas células gliais? Em nossa visão, apesar do substrato distinto (neurônios versus células gliais), tanto os neurônios como as células gliais carregam sim informação. A única diferença é que há sistemas separados para processar essa informação. Enquanto a informação cognitiva é processada nas redes de neurônios, a informação de sentimento seria processada nas redes de células gliais. A proposta de dois aspectos distintos forma/informação e sentimento/consciência no MTA fica aqui um pouco comprometida, em virtude de considerarmos o sentimento como elemento formador da consciência e também uma característica de informação. Não seriam, portanto, aspectos irreduzíveis entre si.

3. Uma visão alternativa utilizando a Semiótica de Morris como base

Para dar seqüência à análise crítica aqui preconizada, vamos elaborar uma

proposta alternativa, que prescinde do recurso de um monismo de múltiplos aspectos (e sua proposta de uma parte da realidade extrafísica), utilizando como base a Semiótica de Morris. Em seu livro “Signification and Significance”, Charles Morris (1964) faz uma análise bastante significativa, em nossa visão, do processo de semiose. Semiose, ou processo sígnico, é o processo por meio do qual um signo, que mantém uma relação com um determinado objeto, dando origem a um interpretante. O interpretante, ou “efeito” do signo, é tudo aquilo que pode decorrer da interpretação do signo. Normalmente, esse interpretante é outro signo, que mantém um relacionamento (do mesmo ou de outro tipo) com o mesmo objeto com que o signo mantinha um relacionamento. Com isso, dizemos que o signo “representa” seu objeto, uma vez que tem o poder de gerar um efeito, onde esse objeto também está envolvido de alguma maneira. Segundo Morris analisa em seu livro de 1964, esse interpretante possui três diferentes dimensões: as dimensões designativa, apraisiva e prescritiva. Essas dimensões estão relacionadas, além do significado, à significância de um signo. A dimensão designativa está associada normalmente ao conceito original de significado. Entretanto, as dimensões apraisiva e prescritiva estão associados ao aspecto pragmático do signo, como um gerador de uma ação. A dimensão prescritiva diz respeito a uma determinada ação (ou um impulso a uma ação) que pode ser o efeito da interpretação do signo, e a dimensão apraisiva diz respeito a um valor, uma avaliação da conveniência ou relevância dessa ação como uma possível ação a ser gerada pelo agente semiótico (ou pela mente, se assim o quisermos dizer).

Voltemos, então, ao triângulo sentir-conhecer-agir que caracteriza uma mente (ou agir-conhecer-sentir, como o Prof. Pereira Jr. sugere em seu artigo). Vemos aqui uma ligação estreita entre o agir e o aspecto comportamental – ou ainda, a dimensão prescritiva do interpretante de Morris. Vemos ainda uma ligação estreita entre o sentir/sentimento – e a dimensão apraisiva do interpretante, segundo Morris. Por fim, fica a ligação entre o conhecer/informação cognitiva, e a dimensão designativa do interpretante segundo Morris. Utilizando o interpretante multidimensional de Morris, podemos conseguir diferentes tipos de categorias e entidades cognitivas. Signos informativos, ou que meramente detectam objetos e situações representadas da realidade teriam uma predominância em sua dimensão designativa. Valores, ou outras entidades axiológicas teriam uma predominância em sua dimensão apraisiva. E ações, ou impulsos a ações teriam uma predominância em sua dimensão prescritiva. Nessa visão alternativa, os sentimentos nada mais seriam do que informações que servem como

avaliações em processos de seleção de ação desenvolvidos no interior da mente. Ações essas, que seriam indicadas exatamente pela dimensão prescritiva dos interpretantes.

Vamos comparar a visão proposta pelo MTA com essa visão alternativa segundo a semiótica de Morris. Na visão do MTA, o sentimento é um aspecto independente e irreduzível da realidade, que possui alguma parte extrafísica ainda não evidenciada. Segundo a Figura 1 do artigo de Pereira Jr., poderiam haver características de processos conscientes que se estenderiam aos processos físicos e informacionais. Já argumentamos anteriormente que essa questão da irreduzibilidade não está bem evidenciada, que o sentimento, na forma de uma onda de cálcio veiculada pelas redes de células gliais não deixaria de ser informação, porém veiculada por uma rede independente no cérebro. Na visão alternativa, segundo a semiótica de Morris, um sentimento, ao contrário, seria um signo cujo interpretante tem predominância em sua dimensão apraisiva, ou seja, uma visão completamente fisicalista (bem determinada e funcional) de sentimento. Observe-se que: enquanto no MTA o sentimento é vendido como uma entidade categorialmente distinta da realidade, sem uma explicação mais aprofundada sobre como deveria ser essa realidade estendida, em nossa proposta alternativa o sentimento se diferencia também de uma informação puramente designativa, mas de uma maneira mais concreta e palpável. Nesta visão, um sentimento é um tipo de signo que deverá ser utilizado posteriormente pela mente para ponderar sobre a seleção de ação que essa mente irá perpetrar. Em nossa visão, aquilo que parece ainda “misterioso” no MTA se transforma em uma proposta compreensível e funcional no modelo alternativo. Além disso, o modelo alternativo ainda permite que as ondas de cálcio sejam utilizadas para explicar o mecanismo de geração de foco de atenção no processo coordenativo gerador de consciência. A diferença é que em nosso modelo alternativo, essas ondas de cálcio não necessariamente estão atreladas a sentimentos (embora possam o ser, pois avaliações internas são necessárias para distinguir o que deve ir ou não para a consciência), e certamente veiculam informação, da mesma maneira que signos puramente designativos.

4. Conclusão

O MTA, apesar de propor uma hipótese interessante para explicar o sentimento e seu papel na formação da consciência, ainda possui diversos pontos que precisariam ser melhor elaborados, de forma a constituir uma proposta aceitável àquilo que se propõe a

modelar. Em primeiro lugar, seria necessário justificar o apelo a uma parte da realidade que se estenderia além do físico, pois uma proposta puramente fisicalista, apresentada aqui na forma de uma hipótese alternativa baseada na semiótica de Morris, aparentemente possui um poder explanatório similar ao MTA, sem ter que apelar para um monismo de múltiplos aspectos e suas dificuldades metafísicas (lembremos da navalha de Ockham). Em segundo lugar, seria importante trazer maiores evidências da associação da onda de cálcio nas células gliais com a noção de sentimento. Reduzir uma à outra talvez seja uma hipótese forte demais. Precisamos lembrar que outras coisas ganham acesso à consciência, além da percepção, tais como episódios oriundos da memória episódica, ou imaginações ou planos para o futuro. É importante ressaltar aqui que qualquer critério que seja utilizado para selecionar o que vai para a consciência envolve uma avaliação (e, portanto, um valor ou signo apraisivo), o que seria um sentimento em nossa visão alternativa. Talvez existam de fato implicações entre as ondas de cálcio e sentimentos, implicações essas que a visão alternativa da semiótica de Morris possa até ajudar a esclarecer. E, finalmente, talvez esclarecer melhor a questão da constituição e operação do “self”, que nem o MTA, nem a proposta de Baars, e nem a visão alternativa baseada na semiótica de Morris dão conta ainda de explicar.

Referências

- BAARS, B. *A Cognitive Theory of Consciousness*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- MORRIS, C. *Signification and Significance: A Study of the Relations of Signs and Values*. Cambridge: MIT Press, 1964.
- PANKSEPP, J. Affective Consciousness: Core Emotional Feelings in Animals and Humans. *Consciousness and Cognition*, v. 14, p. 30-80, 2005.
- PEREIRA JR., A. O Conceito de Sentimento no Monismo de Triplo Aspecto. *Kínesis*, Edição Especial – Debate”, v. 7, n. 15, p. 1-24, 2015.